

A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES EM *OLHOS D'ÁGUA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO¹

VIOLENCE AGAINST WOMEN IN *OLHOS D'ÁGUA*, BY CONCEIÇÃO EVARISTO

Rosana Cássia dos Santos²

RESUMO: Neste texto, pretende-se abordar a violência contra as mulheres no conto “Olhos d’água”, o qual dá título ao livro de Conceição Evaristo, em uma perspectiva da crítica literária feminista, considerando os muitos feminismos, em especial o feminismo negro. O objetivo é o de tentar perceber a maneira como a escritora trabalha literariamente o tema da violência para além da dimensão física, focando na violência intrínseca que permeia a existência das mulheres, mostrada no conto de maneira muito cuidadosa pela autora, através de uma ancestralidade de resistência.

Palavras-chave: Literatura. Crítica literária feminista. Conceição Evaristo

ABSTRACT: In this text, we intend to address violence against women in the tale “Olhos d’água”, which gives the title to Conceição Evaristo's book, from a perspective of feminist literary criticism, considering the many feminisms, especially black feminism. The goal is to try to understand the way the writer works literary the theme of violence beyond the physical dimension, focusing on the intrinsic violence that permeates the existence of women, shown in the story very carefully by the author, through an ancestry of resistance.

Keywords: Literature. Feminist literary criticism. Conceição Evaristo

Em *Olhos d’água*, de Conceição Evaristo, a violência contra as mulheres é retratada em seus contos de diferentes formas, assumindo um tom incisivo assim como convidando para uma reflexão mais profunda sobre essa violência. Neste texto, pretendo apresentar essa perspectiva em uma abordagem a partir dos estudos feministas e de gênero, da participação de escritoras na literatura, os principais desafios do feminismo e da crítica literária que se dispõe a um outro olhar para além do conservadorismo canônico, até chegar em “Olhos d’água”, analisando de que forma o tema da violência aparece no conto que dá título ao livro. No livro em questão essa

¹ Artigo recebido em 16 de agosto de 2019 e aceito para publicação em 20 de novembro de 2019.

² Doutora pela UFSC; Professora de Literatura Brasileira e Teoria Literária na UFSC; Pesquisadora PQ2-CNPq; Membro do GT da ANPOLL A mulher na Literatura; E-mail:rosanack@yahoo.com.br.



temática é tratada em suas diferentes nuances, considerando as questões raciais e sociais no contexto literário, o qual reverbera questões político-sociais de nosso país. Neste momento, tentarei abordar a violência de um ponto de vista centrado na composição das personagens, em especial da personagem-narradora. A violência física, direta, que muitas vezes termina em um feminicídio é, sem dúvida, de grande relevância enquanto denúncia de uma opressão feminina, porém, pretendo pensar a violência tão poderosa que se torna sutil e naturalizada, presente no dia a dia das mulheres, em especial das mulheres negras, e tão poderosamente apresentada por Conceição Evaristo em sua literatura. Essa violência intrínseca, que permeia a existência dessas mulheres, mostrada no conto de maneira muito cuidadosa pela autora, através de uma ancestralidade de resistência. A literatura que questiona, toca e atravessa leitores/as, que faz pensar em nossos próprios papéis sociais e na potencialidade de uma literatura composta por diferentes vozes, plural, diversificada, representativa.

Início este texto justamente pensando nessa literatura, a qual pode ser percebida a partir de determinados paradigmas, canônicos e excludentes. Compreender a literatura por um ponto de vista plural é reconhecer que há espaço de atuação e protagonismo para diferentes escritoras e escritores, para além das diferenças de classe, gênero e raça/etnia. No caso da escritora negra, além da questão do gênero, há ainda que se considerar a questão racial. Pensar em uma literatura feita por escritoras negras requer pensar também em seu contexto de produção, ou seja, em uma sociedade ainda tão preconceituosa, considerando um contexto mais amplo, mas em particular quando se refere ao Brasil. Se essa contextualização histórico-político-social-cultural foi sempre bastante cerceadora em relação às mulheres, é preciso reconhecer que as dificuldades para as mulheres negras sempre foram maiores. O ponto de vista interseccional permite compreender melhor esses eixos identitários, destacando pontos como raça, gênero, classe social, e como as desigualdades se potencializam na medida em que esses eixos se sobrepõem. A literatura sempre esteve presente na vida das mulheres, em especial a literatura oral e a literatura de testemunho, mas o espaço literário legitimado, aquele que prioriza a história da literatura contada por perfis muito similares de historiadores literários, permanece ainda de difícil acesso para escritoras. O silêncio dessa historiografia acaba sendo bastante revelador da invisibilidade de sua participação, uma vez que as mulheres



escreveram, mas o registro de sua participação se apresenta lacunar, falho, insuficiente, e pior, naturalizado, como se essa ausência fosse resultado da falta de mérito da literatura produzida pelas escritoras. Tal espaço permanece cerceado ainda atualmente, com pequenos avanços e muitos questionamentos. A presença de Conceição Evaristo nesse espaço é de grande relevância, pois provocou uma fissura que obriga ao reconhecimento de suas obras e de seu valor literário. Porém, o espaço legitimado da literatura ainda é ocupado majoritariamente pela autoria masculina, poucas são as escritoras a ocuparem esse espaço e ainda em número menor as escritoras negras. O passado literário brasileiro é também uma triste amostra dos mecanismos de exclusão da literatura que não se enquadra no padrão canônico, uma vez que a história literária para essa autoria que subverte o referido padrão é feita como um rascunho, história provisória, apagada ao longo do tempo, como tem destacado Constância Lima Duarte, espécie de memoricídio, que exige constante trabalho de resgate literário.

O movimento feminista trouxe essa expectativa de ampliar o olhar social, perceber a falta de equidade e a necessidade de uma sociedade estruturada em outras bases. A ignorância e o preconceito relativos ao feminismo permaneceram/permanecem ao longo dos anos e gastamos um tempo precioso tratando de posições antagônicas movidas por conservadorismo e posicionamentos retrógrados, os quais, nos dias de hoje têm dado o tom do debate. É importante sempre destacar que, ainda que a palavra feminismo seja utilizada no singular, ela traz em si uma diversidade e pluralidade relevantes e imprescindíveis. Um dos primeiros registros de reivindicação para um olhar mais amplo em relação às mulheres veio de Sojourner Truth (1797-1883), abolicionista afro-americana, e que se tornou reconhecida após seu discurso “Ain’t I a woman?”, proferido em 1851, na Convenção de Direitos das Mulheres em Akron, Ohio, no qual apresenta vários argumentos mostrando que quando havia referência à “mulher”, partia-se de uma determinada figura de mulher, aquela que recebia a oferta de ajuda para subir em carruagens, saltar poças de lama e um lugar para sentar cedido por algum cavalheiro. Ela era uma mulher negra, escravizada para trabalhar no plantio e na colheita, passando pelas dores dos castigos corporais e de ver seus filhos serem vendidos. Durante seu discurso, ela pontua: “E não sou eu uma mulher?”. Brah e Phoenix destacam:



Desde Sojourner Truth, muitas feministas defenderam consistentemente a importância de se examinar a 'interseccionalidade'. Uma característica-chave da análise feminista da 'interseccionalidade' é a preocupação com o 'descentramento' do 'sujeito normativo' do feminismo. Tais descentramentos atingiram novos patamares quando alimentados por energias políticas geradas pelos movimentos sociais da segunda metade do último século – movimentos anticoloniais pela independência, os movimentos pelos direitos civis e o Black Power, o movimento pela paz, protestos estudantis e o movimento dos trabalhadores, o movimento das mulheres ou o movimento de gays e lésbicas. (BRAH; PHOENIX, 2017, p. 666-667).

O movimento feminista é dinâmico, vem ao longo do tempo se empenhando por diferentes pautas, como o direito à educação, ao voto, entre outros. No entanto, há demandas específicas que requerem uma posição em conjunto, como as que se referem às mulheres lésbicas ou às mulheres negras, mulheres que possuam traços identitários que as tornam mais frágeis na sociedade, aquelas que sofrem ainda maior discriminação, vítimas em maior número de violências em suas diferentes formas de manifestação. Como apontado por Sueli Carneiro, ao citar a expressão “matriarcado da miséria”, cunhada pelo poeta Arnaldo Xavier, mostrando

[...] como as mulheres negras brasileiras tiveram sua experiência histórica marcada pela exclusão, pela discriminação e pela rejeição social, e revelar, a despeito dessas condições, o seu papel de resistência e liderança em suas comunidades miseráveis em todo o país. (CARNEIRO, 2011, p. 130)

É fundamental para as políticas feministas, definidas e a serem implementadas, possuir uma compreensão da extensão que a categoria “mulheres” possa alcançar. Conforme aponta Angela Davis:

Na verdade, no fim do século XX houve inúmeros debates sobre como definir a categoria “mulher”. Houve diversas lutas a respeito de quem estava incluída e quem estava excluída dessa categoria. E essas lutas, creio, são centrais para compreender por que houve certa resistência por parte das mulheres de minorias étnicas e também por parte das mulheres brancas pobres e da classe trabalhadora para se identificar com o movimento feminista emergente.



Muitas de nós consideramos que o movimento daquela época era excessivamente branco e, em especial, excessivamente burguês, de classe média. (DAVIS, 2018, p. 92).

A autocrítica do movimento feminista é profundamente necessária, no sentido de se avançar e aprimorar o papel referencial do feminismo, como observa Judith Butler: “Parece necessário repensar radicalmente as construções ontológicas de identidade na prática política feminista, de modo a formular uma política representacional capaz de renovar o feminismo em outros termos”. (BUTLER, 2015, p. 24). O que poderia ser considerado um “problema” – “definir” o sujeito do feminismo – deve ser considerado como um incentivo para a superação das limitações do movimento, e ainda como uma potencialidade, pela dinâmica de sua própria constituição e propósitos. Assim, é importante destacar que as reflexões referentes às mulheres em suas identidades devem ser consideradas pelo feminismo em seus diversos campos de atuação, inclusive no campo literário, foco maior neste texto.

Em relação à crítica literária feminista, há uma espécie de paradoxo que sempre aparece em forma de questionamento, qual seja, o de propor uma literatura que integre as muitas autorias e, ao mesmo tempo, publicar antologias que marquem um espaço autoral e apresentar autoria e críticas literárias específicas. Um exemplo nesse sentido é a obra referencial organizada por Eduardo de Assis Duarte *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*, que destaca a autoria negra, com a inclusão de diversas escritoras, dentre as quais colaborei com capítulos, como os de Francisca Souza Silva (1943) e Laura Santos (1919-1981)³. Assim como falamos em feminismo negro, feminismo lésbico, também tratamos de escritoras negras, escritoras lésbicas, sendo tal postura essencial. Não se trata necessariamente de um paradoxo, mas de compreender essa atitude como parte integrante de um processo longo e complexo, o que se refere à ocupação do espaço legitimado da literatura. Há uma espécie de mecanismo social que dificulta bastante o avanço de ideias que alterem uma visão historicamente conservadora, assim como de políticas públicas que garantam

³ Importante ressaltar outros exemplos, como a antologia *Escritoras brasileiras do século XIX*, em três volumes, organizada por Zahidé Lupinacci Muzart, e *Incontadas*, antologia de contos de literatura lésbica, organizada por Diedra Roiz e Manuela Neves.



a manutenção e ampliação de conquistas, que avancem para novos patamares em nossa sociedade. Destacar o “outro” e os espaços de diferença são formas de incentivar o pensamento crítico-dialógico. Sem determinadas publicações, como as antologias, anteriormente referidas, dificilmente as obras de determinadas escritoras seriam lidas. Ainda que cheguem a ser lidas, é relevante possuímos um subsídio teórico-crítico que oportunize perceber essa obra, fruto do “outro”, como uma expressão literária que apresenta perspectivas também outras, na seleção de temas, composição de personagens, estrutura narrativa ou composições poéticas com ritmos próprios. Esse caráter contra-hegemônico de leitura, tanto de autoria quanto de obras, impulsiona um olhar literário que expresse os avanços necessários de nosso tempo. Quantos anos ainda estudaremos os mesmos escritores, da mesma forma? Quanto tempo ainda as autorias divergentes desse perfil que consigam se destacar em um determinado período se tornarão *corpus* de pesquisa na área de “resgate” algum tempo depois? Sem uma mudança estrutural profunda, manteremos ânimos e distorções que elevam e depois ignoram uma obra, como ocorreu com de Carolina Maria de Jesus (1914-1977), por exemplo. São posturas que caminham paralelas, a de desvalorização social e a conseqüente desvalorização literária. E isso requer uma resistência, igualmente social e literária, no sentido de estimular um olhar inclusivo e de cidadania, assegurando condições básicas de saúde, educação e emprego, garantindo as condições necessárias para promover essa literatura feita a partir de diferentes experiências de vida. No XVIII Seminário Mulher & Literatura, realizado em Aracaju, em 2019, Conceição Evaristo apresentou seu conceito de *escrevivência*, evidenciando que ele possui um fundamento histórico, de gênero e étnico, cujo ponto nodal seria a dimensão plural que a faz dizer “nossa” *escrevivência*, expressando uma experiência comum, desde as mulheres africanas até suas descendentes escravizadas no Brasil.

Uma das principais posturas necessárias para promover uma sociedade em diferentes bases é o reconhecimento crítico da importância do lugar de fala, como ressalta Djamilia Ribeiro: “Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes conseqüente da hierarquia social”. (RIBEIRO, 2017, p. 64). Tal aspecto foi anteriormente apresentado neste texto, o de que as escritoras negras terão espaço de reconhecimento na literatura conforme seu espaço de atuação na sociedade



seja valorizado e reconhecido, no sentido de superação de uma realidade ainda tão presente de manifestação de violências em suas diferentes formas, conforme registrado pela autora: “[...] o alto índice de feminicídio de mulheres negras, a constatação de que as mulheres negras ainda são maioria no trabalho doméstico e terceirizado e tantos outros exemplos”. (RIBEIRO, 2017, p. 65). Refletir sobre esse lugar de fala requer uma abordagem ampla, que considere diferentes pessoas em suas transversalidades. O tema é bastante complexo e torna-se importante destacar de que lugar estou falando. Ocupo o espaço de uma pesquisadora que trata de teoria e crítica literária feminista há quase duas décadas. As escritoras negras têm sua própria voz e aqui neste texto estou justamente valorizando essa voz e reconhecendo, a partir deste espaço que ocupo, que é preciso que essa literatura reverbere ainda mais. Esse diálogo é essencial para os avanços sociais (e literários) necessários. A autora prossegue:

Pensar lugares de fala para essas pensadoras seria desestabilizar e criar fissuras e tensionamentos a fim de fazer emergir não somente contra discursos, posto que ser contra, ainda é ser contra alguma coisa. [...] esses discursos trazidos por essas autoras são contra hegemônicos no sentido de que visam desestabilizar a norma, mas igualmente são discursos potentes e construídos a partir de outros referenciais e geografias; visam pensar outras possibilidades de existências para além das impostas pelo regime discursivo dominante. (RIBEIRO, 2017, p. 90).

A contribuição feminista destaca o compromisso estético e ético, o outro não precisa ser necessariamente associado ao perigo por ameaçar o já instituído, mas poderá ser visto justamente como possibilidade de uma nova perspectiva, na adoção de uma postura de aceitação e respeito às diferenças. A contribuição feminista é essa que possibilita uma coleção como, por exemplo, a “Feminismos Plurais”, do Grupo Editorial Letramento, que lançou, dentre outros, *O que é o lugar de fala?*, de Djamila Ribeiro, *O que é interseccionalidade?*, de Carla Akotirene e *O que é empoderamento?*, de Joice Berth. Patricia Hill Collins salienta essa questão pelo viés do empoderamento, ao apontar que pessoas conscientes das desigualdades sociais e empenhadas para que ocorram mudanças colaboram para a promoção do empoderamento coletivo das mulheres negras, e aponta que essa mudança se dá em diferentes planos, não se limitando à perspectiva coletiva:



Mas a mudança também pode ocorrer no espaço privado e pessoal da consciência de uma mulher individual. Igualmente basilar, esse tipo de mudança é também pessoalmente empoderador. Qualquer mulher negra individual que é forçada a permanecer “imóvel do lado de dentro” pode desenvolver o “lado de dentro” de uma consciência modificada como esfera de liberdade. É essencial se tornar pessoalmente empoderado por meio do autoconhecimento, mesmo em condições que limitam severamente a habilidade de agir. (COLLINS, 2019, p. 300.)

É pertinente considerar a forma como a personagem-narradora do conto “Olhos d’água” aproxima essas diferentes formas de empoderamento, em seu questionamento persistente em se lembrar da cor dos olhos de sua mãe, uma metáfora na busca da compreensão de si, da valorização de sua ancestralidade e ainda a busca pela compreensão de seu papel na sociedade atual. Assim como ela foi inspirada pela força de suas antepassadas, sua própria atuação pode vir a empoderar e inspirar outras mulheres como ela.

Dentre as abordagens propostas neste texto, corroboradas por ideias e conceitos que transitam entre o social e o literário, gostaria de evidenciar as palavras de Audre Lord, que de certa maneira sintetizam os pensamentos aqui apresentados:

Racismo, a crença na superioridade inata de uma raça sobre todas as outras e, assim, o direito à predominância. Sexismo, a crença na superioridade inata de um sexo sobre o outro e, assim, o direito à predominância. Discriminação etária. Heterossexismo. Elitismo. Classismo.

É tarefa da vida inteira para cada um de nós retirar essas distorções de nossa vida ao mesmo tempo que reconhecemos, reivindicamos e definimos essas diferenças com base nas quais elas são impostas. Pois todos nós fomos criados em uma sociedade na qual essas distorções faziam parte de nossa vida. (LORD, 2019, p. 240).

A autora continua: “[...] precisamos desenraizar padrões internalizados de opressão que existem dentro de nós mesmas se quisermos ir além dos aspectos mais superficiais da mudança social”. (2019, p. 247). Esse movimento subjetivo e coletivo deve ser também a postura de mulheres



marcadas por diferentes traços identitários no viés interseccional ou que tragam experiências de vida diversas.

O referido conceito de escrevivência permite compreender a experiência de vida em uma perspectiva literária, a qual resiste a uma categorização, por apresentar um trabalho narrativo diferenciado, instaurando uma fissura no contexto das letras. Uma literatura que buscou libertação formal e temática, espécie de desafio ao cânone, elevando-se em relação aos paradigmas. Uma literatura que nos permita apreciar e valorizar um conto como “Olhos d’água”, de Conceição Evaristo, o qual será visto a seguir.

Olhos d’água (2014), de Conceição Evaristo

Conceição Evaristo nasceu em 1946, em Belo Horizonte. Sua trajetória na literatura tem sido bastante destacada, seja por ser mulher, negra e de origem humilde, seja pela qualidade de sua produção literária, a qual vem se consolidando ao longo do tempo. Segundo informações na obra já referenciada *Literatura e Afrodescendência no Brasil*, em 1973 passou a residir no Rio de Janeiro, onde cursou Letras e fez mestrado e doutorado na área de Literatura. A escritora trabalhou também como professora e como funcionária na Secretaria Municipal de Cultura. Sua estreia na literatura se deu em 1990, com a publicação de poemas na série *Cadernos Negros*. Desde então, vem publicando várias obras e integrando antologias, nacionais e internacionais. Sua literatura se destaca pela relevância atribuída às mulheres negras, pela temática contundente da condição de exclusão social, em um contexto permeado pela violência. Contudo, a autora trabalha também com os sentimentos envolvidos nessa situação, na expressão mais terna, contrariando os estereótipos de um enfoque baseado na violência por si mesma. Seus textos rompem com essa expectativa e propõem uma reflexão mais densa, tratando de temas graves, porém convocando o/a leitor/a a repensar suas próprias posturas e colocar-se como parte integrante dessa conjuntura.

Nos contos que integram a obra *Olhos d’água*, as personagens representam diferentes identidades, com ênfase para categorias como as de sexo/gênero, de raça e a de classe social. O conceito de escrevivência da autora, a literatura a partir das experiências de vida, aparece representado nas narrativas que mostram um cotidiano de desejos e esperanças, assim



como uma realidade de sofrimento, violência e privações. Como anteriormente referido, neste texto destacaremos o conto “Olhos d’água”, que dá título ao livro.

“Olhos d’água”

Muitas seriam as possibilidades de leitura deste conto, ainda que o tema da violência seja o foco. Busquei um fio que pudesse conduzir a leitura e esse fio foi o de ler o texto através do questionamento da personagem-narradora, reiteradamente registrado, por vezes com pequenas variações: “De que cor eram os olhos de minha mãe?”⁴. Esse questionamento (em interrogativas diretas ou indiretas) aparece 16 vezes no conto, e serão apresentados a seguir:

Excertos⁵

Na primeira frase do conto, temos: *“Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca. De que cor eram os olhos de minha mãe?”* (p. 15). A personagem já se encontra em outro tempo, em outro lugar, e surge a pergunta que remete ao seu passado, pergunta essa, repetida na mesma página: *“De que cor eram os olhos de minha mãe?”* (p. 15). E reitera, com algumas nuances, ainda na primeira página do texto: *“Entre um afazer e outro, eu me pegava pensando de que cor seriam os olhos de minha mãe.”* (p. 15). Até concluir, em tom acusativo a si mesma: *“Então eu não sabia de que cor eram os olhos de minha mãe?”* (p. 15)

A personagem relembra de si mesma, da infância e juventude muito rápidas, a presença da mãe, o reconhecimento de seus gestos:

Decifrava o seu silêncio nas horas de dificuldades, como também sabia reconhecer, em seus gestos, prenúncios de possíveis alegrias. Naquele momento, entretanto, me descobria cheia de culpa, por não me recordar *de que cor seriam seus olhos.*” (p. 16)

A narrativa prossegue, com o registro de muitos momentos de carinho, as brincadeiras que distraíam as filhas, nos momentos em que a mãe

⁴ As repetições da referida indagação e suas nuances serão destacadas em itálico.

⁵ Todos os excertos pertencem à mesma referência bibliográfica: EVARISTO, Conceição. **Olhos d’água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016, com o registro dos números de páginas entre parênteses.



não estava trabalhando, permeados de risos, mas que mostravam uma mãe dedicada, tentando tornar a vida das filhas mais leve do que a sua própria vinha sendo, embora a narradora afirme: “Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância.” (p.16). É essa a forma de violência que está sendo abordada nesta leitura, uma violência que permite poucos avanços, que faz com que mãe e filha possuam uma infância parecida, passando por dificuldades e adversidades. Romper com essas circunstâncias exige muito, e não deveria ser assim. Mesmo quando há conquistas, elas custam a se consolidar, o que o atual momento de retrocesso bem o demonstra. E, mais uma vez, ela se questiona: “*Mas de que cor eram os olhos dela?*” (p. 16).

Vinham-lhe à mente as tentativas da mãe em distrair as filhas, atenuando a realidade tão difícil quando não havia alimento a ser oferecido a elas, a panela estava vazia: “Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento.” (p. 16). Essa distração se dava através do afeto: “E era justamente nesses dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas.” (p. 16-17).

E novamente a pergunta: “*Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? Eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía.*” (p. 17). A narradora descreve ainda outra forma da mãe de distrair as filhas:

Às vezes, no final da tarde, antes que a noite tomasse conta do tempo, ela se sentava na soleira da porta e, juntas, ficávamos contemplando as artes das nuvens no céu. Um viravam carneirinhos; outras, cachorrinhos; algumas, gigantes adormecidos, e havia aquelas que eram só nuvens, algodão doce. A mãe, então, espichava o braço, que ia até o céu, colhia aquela nuvem, repartia em pedacinhos e enfiava rápido na boca de cada uma de nós. Tudo tinha de ser muito rápido, antes que a nuvem derretesse e com ela os nossos sonhos se esvaecessem também. *Mas de que cor eram os olhos de minha mãe?* (p. 17).

E em outro trecho:

Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com os olhos alagados de prantos balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que nosso frágil barraco desabasse sobre nós. [...]



Nesses momentos os olhos de minha mãe se confundiam com os olhos da natureza. Chovia, chorava! Chorava, chovia! *Então, por que eu não conseguia lembrar a cor dos olhos dela?* (p. 17-18).

E então a necessidade de retomar os fios do passado, das tramas que a impulsionaram para outro lugar, mas que continuavam a se tecer no presente. Era por meio de sua mãe, de mulheres que resistiam como ela, que a personagem traçou sua existência, porém havia esse compromisso com esse tempo pretérito. Por isso seria fundamental nunca se esquecer de que cor eram os olhos de sua mãe:

E naquela noite a pergunta continuava me atormentando. Havia anos que eu estava fora de minha cidade natal. [...] Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela em minha vida, não só dela, mas de minhas tias e de todas as mulheres de minha família. E também, desde aquela época, eu entoava cantos de louvor a todas nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. [...] *Mas de que cor eram os olhos de minha mãe?* (p. 18)

Depois, a decisão:

E foi então que, tomada pelo desespero por não me lembrar de que cor seriam os olhos de minha mãe, naquele momento resolvi deixar tudo e, no dia seguinte, voltar à cidade em que nasci. Eu precisava buscar o rosto de minha mãe, fixar o meu olhar no dela, *para nunca mais esquecer a cor de seus olhos.* (p. 18). [...] Assim fiz. Voltei, aflita, mas satisfeita. Vivia a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a *oferenda aos Orixás deveria ser a descoberta da cor dos olhos de minha mãe.* (p. 18)

E, finalmente, encontra-se diante de sua mãe:

E quando, após longos dias de viagem para chegar à minha terra, *pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi? [...]* Vi só lágrimas e lágrimas. [...] minha mãe trazia, serenamente em si, *águas correntezas.*" (p. 18)

A cor era a mais sensível que pudesse o/a leitor/a imaginar:



A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. (p. 18-19).

A pergunta do presente reiterada na narrativa permeada pelas memórias, destaca os olhos de gerações de mulheres negras que guardam o sofrimento por uma violência persistente e de diferentes contornos. E, assim como a narradora relembra suas ancestrais, finaliza o conto pensando nas novas gerações:

Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira [assim como sua mãe distraía suas filhas] em que os olhos de uma se tornam o espelho para os olhos da outra. E um dia desses me surpreendi com um gesto de minha menina. [...] Eu escutei quando, sussurrando, minha filha falou: _ Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos? (p. 19).

A tentativa, neste texto, foi a de apresentar esse olhar crítico e permeado pelo afeto que tornam a literatura tão desafiadora e contribuir com uma postura mais inclusiva e plural em uma sociedade como a nossa, ainda permeada por preconceitos. E através de diferentes vozes, reverberando a partir de diferentes lugares de fala, propor um espaço de reflexão, em uma abordagem teórica e crítica que permitisse apreciar a sensibilidade e a contundência de um conto como “Olhos d’água”.

Referências

AKOTIRENE, C. **O que é interseccionalidade?**. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

BRAH, A. e PHOENIX, A. Não sou eu uma mulher? Revisitando a interseccionalidade. In: BRANDÃO, Izabel (org.) et al. **Traduções da cultura: perspectivas críticas feministas (1970-2010)**. Florianópolis: EDUFAL; Editora da UFSC, 2017.

BERTH, J. **O que é empoderamento?**. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARNEIRO, S. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.



COLLINS, P. H. Pensamento feminista negro: o poder da autodefinição. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

DAVIS, A. **A liberdade é uma luta constante**. São Paulo: Boitempo, 2018.

DUARTE, E. de A. (Org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

EVARISTO, C. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

LORDE, A. Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

